

Autismo e diversidade de gênero em jovens adultos: Como estereótipos de gênero influenciam no subdiagnóstico

Autism and gender diversity in young adults: How gender stereotypes influence underdiagnosis

Autismo y diversidad de género en jóvenes adultos: Como los estereótipos de género influyen en el subdiagnóstico

Recebido: 21/08/2024 | Revisado: 01/09/2024 | Aceitado: 03/09/2024 | Publicado: 08/09/2024

Bruna da Silva Lyrio

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0130-0886>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: lyrio.bruna@yahoo.com.br

Gabriela Lima Reis Mourão

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1929-8802>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: gabriellalimareis@gmail.com

Rachel da Silva Serejo Cardoso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7283-8086>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: rachelserejo@gmail.com

Resumo

Objetivo: reunir evidências científicas sobre o conhecimento dos profissionais de saúde e sua relação com estereótipos de gênero no diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista no Brasil. Método: revisão integrativa em 6 etapas entre abril e maio de 2024 nas bases de dados Google Acadêmico, PubMed e ScienceDirect. Os critérios de inclusão foram estudos publicados a partir de 2020, com pelo menos dois descritores, e nos idiomas português, inglês ou espanhol. Os estudos elegíveis foram discutidos e apresentados em tabelas. Resultados: dos 8 estudos analisados, emergiu-se duas classes temáticas “Autismo e profissionais de saúde” e “Autismo e diversidade de gênero”. Jovens adultos no espectro autista tendem a utilizar técnicas para mascarar seus sintomas ou a expressá-los de maneira não convencional a fim de se adaptar socialmente. Isso pode resultar em diagnósticos equivocados, principalmente devido à ênfase da literatura tradicional nos sintomas mais associados ao sexo masculino. Há uma prevalência significativa de indivíduos neurodiversos que se identificam como LGBTQ+. Conclusão: Observou-se que profissionais e acadêmicos da saúde necessitam desenvolver uma compreensão mais abrangente sobre o autismo, principalmente considerando o período além da infância. Considerando as lacunas sobre o autismo e a diversidade de gênero no Brasil, faz-se necessário iniciativas de sensibilização, educação continuada e capacitações, além de novas pesquisas sobre a temática.

Palavras-chave: Autismo; Diversidade de gênero; Pessoal da saúde; Adulto jovem; Atenção Primária à Saúde.

Abstract

Objective: To gather scientific evidence on healthcare professionals' knowledge and its relation to gender stereotypes in the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) in Brazil. Method: An integrative review in 6 stages conducted between April and May 2024 using the databases Google Scholar, PubMed, and ScienceDirect. Inclusion criteria were studies published from 2020 onwards, with at least two descriptors, and in Portuguese, English, or Spanish. Eligible studies were discussed and presented in tables. Results: From the 8 studies analyzed, two thematic classes emerged: "Autism and healthcare professionals" and "Autism and gender diversity." Young adults on the autism spectrum tend to use techniques to mask their symptoms or express them unconventionally to adapt socially. This can lead to misdiagnosis, mainly due to the traditional literature's emphasis on symptoms more associated with males. There is a significant prevalence of neurodiverse individuals identifying as LGBTQ+. Conclusion: It was observed that healthcare professionals and academics need to develop a more comprehensive understanding of autism, especially considering its various manifestations beyond childhood. Given the gaps in autism and gender diversity in Brazil, there is a need for awareness initiatives, continuing education, training, and further research on the topic.

Keywords: Autism; Gender diversity; Healthcare personnel; Young adult; Primary Healthcare.

Resumen

Objetivo: Reunir evidencia científica sobre el conocimiento de los profesionales de salud y su relación con los estereotipos de género en el diagnóstico del Trastorno del Espectro Autista (TEA) en Brasil. Método: Revisión

integrativa em 6 etapas realizada entre abril e maio de 2024 utilizando as bases de dados Google Scholar, PubMed e ScienceDirect. Os critérios de inclusão foram estudos publicados desde o ano 2020 em diante, com pelo menos dois descritores e em português, inglês ou espanhol. Os estudos elegíveis foram discutidos e apresentados em tabelas. Resultados: Dos 8 estudos analisados, surgiram duas classes temáticas: "Autismo e profissionais de saúde" e "Autismo e diversidade de gênero". Os jovens adultos no espectro autista tendem a utilizar técnicas para mascarar seus sintomas ou expressá-los de maneira não convencional para se adaptar socialmente. Isso pode levar a diagnósticos incorretos, principalmente devido ao ênfase da literatura tradicional nos sintomas mais associados ao sexo masculino. Existe uma prevalência significativa de indivíduos neurodiversos que se identificam como LGBTQ+. Conclusão: Observou-se que os profissionais e acadêmicos da saúde precisam desenvolver uma compreensão completa do autismo, especialmente considerando suas diversas manifestações além da infância. Dadas as lacunas sobre o autismo e a diversidade de gênero no Brasil, é necessário implementar iniciativas de sensibilização, educação continuada, capacitação e realizar novas pesquisas sobre o tema.

Palavras chave: Autismo; Diversidade de gênero; Profissional de saúde; Jovem adulto; Atenção Primária de Saúde.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento com uma ampla variedade de manifestações, exigindo diferentes níveis de suporte para atividades cotidianas. Seus sintomas estão relacionados a dificuldades na interação social e padrões restritos ou repetitivos de comportamentos que causem prejuízos na vida cotidiana, pessoal e profissional. Eles estão presentes precocemente no desenvolvimento, embora muitas vezes não sejam aparentes até que exija uma demanda social maior que as estratégias de adaptação exercidas pelo autista ao longo da vida. O diagnóstico do autismo é baseado em observações do comportamento e sua necessidade de suporte determinada pelo nível de comprometimento para atividades de vida diária (American Psychiatric Association, 2013).

Desde as primeiras descrições do Autismo por Leo Kanner e Hans Asperger na década de 40 (Scheffer, 2018) em crianças com diversos graus de dificuldade de comunicação e socialização, a definição desse transtorno já foi alterada diversas vezes. Em 1999, Judy Singer cunhou o termo neurodiversidade, que caracteriza o autismo como um funcionamento mental atípico, algo intrínseco da diversidade humana, e não uma patologia a ser curada. (Ortega et al., 2009; Singer et al., 1999). A publicação do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Fifth Edition (DSM-5)* em 2013 trouxe mudanças significativas na forma como o autismo é diagnosticado e classificado. O DSM-5 consolidou vários diagnósticos anteriores, como a Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento, sob o termo "Transtorno do Espectro Autista (TEA)", categorizando-o em níveis de gravidade para indicar o suporte necessário (APA, 2013; Côrtes, 2020).

Há um crescente movimento em favor da inclusão e da aceitação das pessoas com TEA, influenciado por ativistas e pela crescente conscientização pública. As políticas públicas e práticas educacionais têm evoluído para apoiar a inclusão, a acessibilidade e a adaptação aos diferentes níveis de suporte necessários. Essas atualizações refletem o avanço contínuo no entendimento do TEA, desde a aceitação da neurodiversidade até as mudanças no diagnóstico e nas políticas de inclusão. O campo continua a evoluir à medida que novas pesquisas e movimentos sociais moldam a forma como o autismo é compreendido e tratado (Pellicano et al., 2011).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que no mundo existem 70 milhões de pessoas autistas, com 2 milhões em âmbito Nacional. No Brasil, hoje se considera a CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), o autismo é classificado também de acordo com o prejuízo (ou não) na linguagem funcional e ausência ou presença de deficiência intelectual. Embora englobar todos os graus do TEA em um único termo auxilie a ampliação de diagnósticos, e a crescente disseminação de informação sobre ele, por outro lado, alguns grupos são contemplados com diagnósticos propostos, sendo eles indivíduos masculinos e caucasianos.

De acordo com Miranda (2023), o autismo é descrito pela literatura como um transtorno tipicamente masculino. Sua prevalência é tida como 4 vezes maior em homens, quando se comparado com mulheres e outros grupos subdiagnosticados não

contemplados em testes ou pesquisas, o que demonstra uma tendência de gênero. A falta de consideração dos sintomas de autismo em indivíduos do sexo feminino e de grupos LGBTQI+ pode levar a diagnósticos incorretos, resultando em sofrimento e atraso no acesso às terapias.

O gênero, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2007), são características constituídas socialmente para homens e mulheres como normas esperadas e papéis sociais. Expectativas ou estereótipos são construídos desde a infância, ocorrendo quando existem crenças coletivas sobre o que é esperado nos comportamentos para homens e mulheres cisgêneros, bem como pessoas transgênero, afetando seu bem-estar biopsicossocial. A conformidade com papéis de sociais tradicionais pode resultar em estresse e ansiedade quando indivíduos não se encaixam nesses padrões ou enfrentam pressão para manter um comportamento que não reflete sua identidade pessoal. Essas expectativas de gênero podem impactar diretamente os comportamentos relacionados à saúde, como a adesão a cuidados médicos e práticas de autocuidado, frequentemente baseados em normas sobre o que é considerado adequado para cada grupo populacional. Além disso, seguir ou desafiar normas impostas repercute nas relações interpessoais e profissionais, afetando as oportunidades de emprego, a dinâmica familiar e a aceitação social (Swim et al., 2011).

Embora informações sobre o Autismo na adolescência e vida adulta tenham crescido, especialmente com ativistas neurodiversos, realizando a divulgação de suas experiências sobre sua correlação com gênero e diversidade de gênero no espectro, ainda há uma carência significativa de pesquisas científicas sobre a temática, principalmente quando se considera a atuação do profissional de saúde e seu papel na identificação do autismo (Happé et al., 2020). Diante do reconhecimento da necessidade de pesquisas robusta com alto nível de evidência que seja traduzida para a prática clínica que o Ministério da Saúde em 2018 apontou em sua Agenda de Prioridades de Pesquisas do Ministério da Saúde, (APPMS, 2018), no eixo 5.7 pesquisas que analisam o impacto de determinantes sociais como gênero, orientação sexual e raça na saúde mental.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é levantar evidências científicas existentes em relação ao conhecimento dos profissionais de saúde e sua relação com estereótipos de gênero no diagnóstico de TEA no Brasil. O estudo visa identificar a falta de informações sobre diversidade de gênero no autismo e analisar como os estereótipos de gênero podem influenciar o número de casos subdiagnosticados.

2. Método

Trata-se de um estudo de revisão integrativa em 6 etapas da literatura (Mendes et. Al., 2008). O estudo foi realizado de acordo com as seguintes etapas: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

A questão norteadora da pesquisa foi formulada a partir da estratégia de busca PCC (População, Conceito e Contexto) com consulta aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/BIREME) e os Medical Subject Headings (MeSH terms), conforme Quadro 1 “Como a literatura identifica a relação da falta de informações sobre diversidade de gênero no autismo e os estereótipos de gênero afetam o número de diagnóstico de TEA.

Quadro 1 - Estratégia PCC.

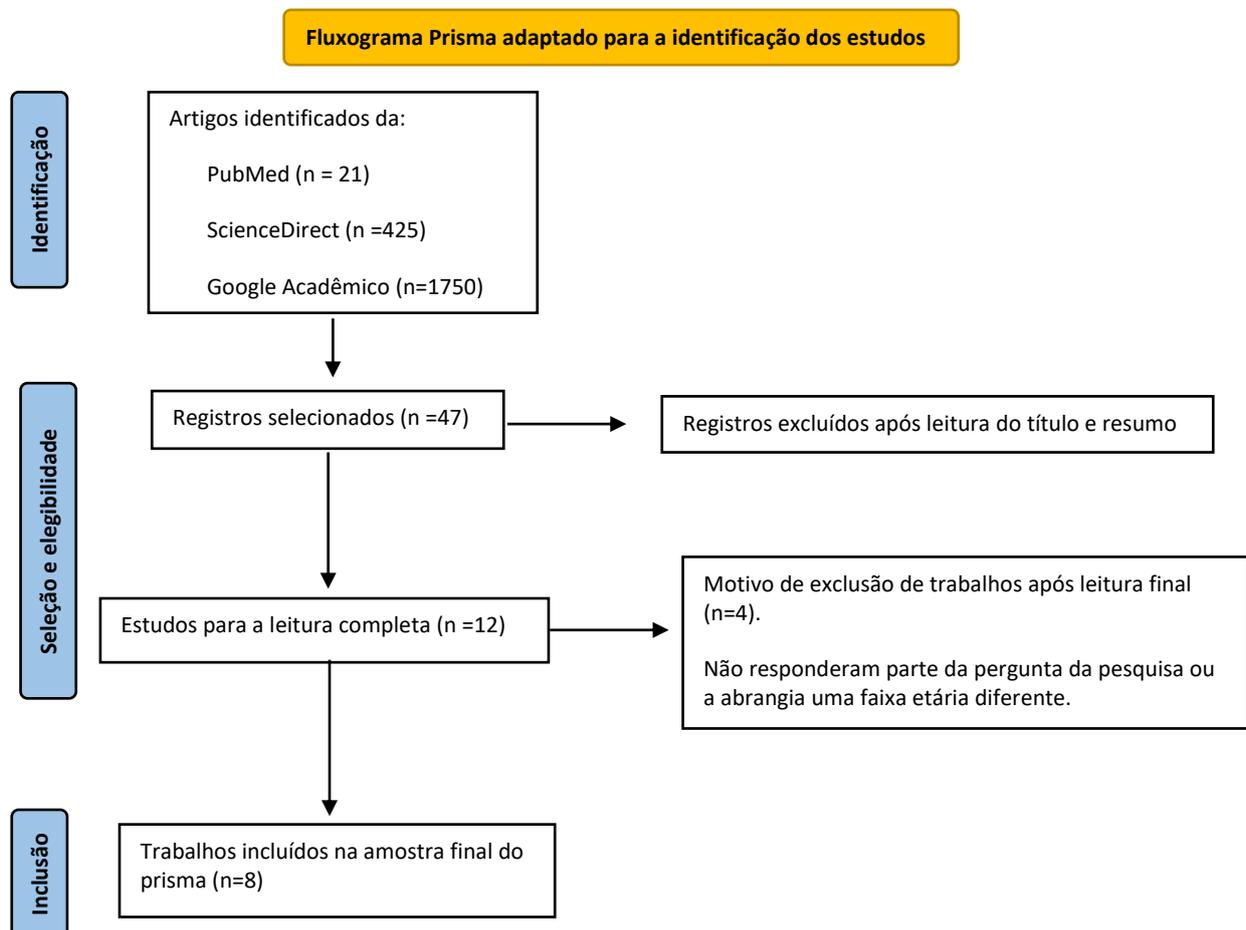
Estratégia	Descrição;	Decs/Mesh
P	População: Transtorno do espectro autista AND Adulto jovem	Autismo OR Autism AND Adulto Jovem OR Young Adult
C	Conceito: Pessoal da saúde AND diversidade de gênero	Pessoal de Saúde OR Health Care AND Diversidade de Gênero OR Gender Diversity
C	Contexto: Atenção primária	Atenção Primária à Saúde OR Primary Health Care

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2024).

Após a construção do PCC do Quadro 1, elaborou-se a seguinte questão e pesquisa: "Quais as principais dificuldades dos profissionais de saúde para identificar o Autismo perante a diversidade de gênero em jovens adultos?"

Foram assumidos como critérios de inclusão no estudo: artigos que possuam ao menos dois descritores DeCs e/ou MeSH em sua composição, escritos na Língua Portuguesa, Inglesa ou Espanhola, com ano de publicação a partir de 2020 e aqueles correlacionados com a temática escolhida. Desconsiderou-se trabalhos que compuseram a literatura cinzenta, como teses, em outros idiomas fora esses citados e com ano inicial de publicação anterior à 2020. Priorizou-se os trabalhos das fontes de dados primárias e que fornecessem uma evidência mais robusta segundo a pirâmide das evidências científicas de Murad Et. Al. (2016) para compor os resultados, conforme demonstrado pela Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma PRISMA adaptado da seleção dos estudos incluídos na amostra. Rio de Janeiro, Brasil, 2024.



Fonte: Adaptado de PRISMA (Page et. al., 2020).

Para isso, utilizou-se as bases de dados Google Acadêmico, Pubmed e Science Direct, com a coleta de dados ocorrendo entre abril e maio de 2024. Para refinar a amostra, foram lidos os títulos e o resumo de todos os artigos, então foi realizada a análise e seleção da pesquisa potencialmente relevante para este estudo, em seguida, cada item selecionado foi revisado, se resolvendo em duas classes temáticas distintas.

Os operadores booleanos foram utilizados para ampliar e especificar a busca, visando também procurar em bases de dados internacionais, como no caso respectivamente do OR e AND: “Transtorno do Espectro Autista” OR “Autism Spectrum Disorder” AND “Adulto Jovem” OR “Young Adult”, a fim de especificar o público. No conceito, serviu-se das palavras-chaves “Pessoal de Saúde” OR “Health Personnel” AND “Diversidade de Gênero” OR “Gender Diversity”. Já o contexto refere-se “Atenção Primária à Saúde” OR “Primary Health Care”. O quadro 2 ilustra a estratégia de busca utilizada em cada base de dados aplicada.

Quadro 2 - Palavras utilizadas para cada Acrônimo do PCC e estratégia de busca de cada fonte de dados acessada. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2024.

Base de Dados	Estratégia de Busca
Google Acadêmico	Autismo OR Autism AND Diversidade de Gênero OR Gender Diversity AND Adulto Jovem OR Young Adult, Autismo OR Autism AND Pessoal da Saúde OR Health Care AND Atenção Primária à Saúde OR Primary Health Care
PubMed	MeSH Terms: Autism AND Gender Diversity, Autism AND Young Adult, Autism AND Health Care
ScienceDirect	MeSH Terms; Autism AND Gender Diversity AND Young Adult AND Health Care AND Primary Health Care

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2024).

Inicialmente foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos estudos; em seguida, analisou-se na íntegra quando esses atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Adotou-se as recomendações dos itens da lista de checagem PRISMA (2020), diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas (Page Et. Al, 2020). Foram selecionados estudos que correspondiam ao objetivo e respondiam à questão norteadora para suporte da construção da revisão integrativa. Somados aos textos encontrados, outras publicações relevantes foram incluídas na análise para agregar ao escopo do estudo.

3. Resultados

Obteve-se um total de 2.196 estudos provenientes do Google Acadêmico (N=1750), da ScienceDirect (N=425) e da PubMed (N=21). Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, assim como o recorte temporal de 2020 a 2024, 47 foram selecionados e para leitura integral, 12 estudos. Muitos trabalhos, apesar de possuírem as palavras-chaves, não abrangiam a faixa etária escolhida nem os objetivos da pesquisa.

Dentre as bases de dados escolhidas, a que demonstrou maior especificidade e quantidade de publicações pertinentes foi a PubMed. Utilizou-se os descritores MeSH, pois não foi encontrado em português pesquisas que se aplicassem a todos os descritores. Com trabalhos Nacionais, limitou-se o mínimo de 2 palavras-chaves e os que não tratam somente da infância. O Google Acadêmico e a ScienceDirect contribuíram com 2 artigos cada, enquanto a PubMed, com 4.

A revisão integrativa da literatura incluiu 8 artigos recentes, todos publicados nos últimos 4 anos. Destes, 3 foram conduzidos principalmente no Brasil e abordaram uma variedade de aspectos relacionados à saúde, incluindo questões de gênero, conhecimento dos profissionais de saúde sobre determinadas condições, tratamentos e intervenções, além de investigar

comorbidades e outras interações complexas de saúde na atenção primária. Os textos foram escritos tanto em português quanto em inglês, refletindo uma abordagem global e multilíngue para a investigação científica na área da saúde pública e prática clínica.

Quando se pesquisa sobre autismo em adolescentes e adultos, observa-se um aumento na produção científica ao longo do tempo, principalmente quando se considera questões sociais, como o gênero. Optou-se por analisar os estudos recentes devido às atualizações na temática e a unificação do diagnóstico do autismo na Cid-11 e DSM-5. Dos trabalhos analisados, nenhum é de 2024, o que demonstra que a o autismo na juventude e vida adulta, principalmente sobre a ótica do gênero, ainda é pouco pesquisado. Observa-se que entre os estudos nacionais, $\frac{2}{3}$ abordam a área de saúde, com enfoque para profissionais e acadêmicos de enfermagem e medicina.

Para apresentação dos resultados, utilizou-se o instrumento PRISMA (Page Et. al, 2020). Os estudos foram identificados em numeral romano, de I a VIII, e autores, a partir do título, ano, objetivo e resultado, apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Autores empregados na revisão bibliográfica após estratégias de busca. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2024.

ID	Tipo de Estudo	Título	Objetivo	Principais achados
I (Rezende et. Al,2020)	Observacional	Conhecimentos sobre Transtorno do Espectro Autista entre profissionais de atenção básica de saúde.	Investigar o conhecimento dos profissionais de saúde (médicos e enfermeiros) que atuam na ABS de um município do interior de São Paulo, em relação ao TEA.	Os médicos apresentaram um melhor conhecimento em relação ao TEA quando comparados com os enfermeiros, no entanto, é necessária a existência de um programa educacional continuado sobre o TEA para profissionais de saúde que atuam na Atenção Primária.
II (Camelo et. Al, 2021)	Quantitativo descritivo	Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre Autismo.	Verificar o nível de conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem de uma Universidade pública sobre o Transtorno do Espectro Autista.	A maioria dos acadêmicos não conheciam a faixa etária mais provável para identificar os primeiros sinais de autismo, mas conseguiram identificar os sintomas nucleares do Transtorno do Espectro Autista. 65% negaram haver correlação entre o nível socioeconômico e o transtorno.
III (Micai et. Al, 2021)	Quantitativo	Autistic Adult Health and professional perceptions of it: Evidence from the ASDEU project.	Explorar experiências e percepções de autistas adultos e profissionais de saúde sobre condições médicas e comportamentos de saúde com autistas nessa faixa etária.	Os profissionais necessitam de mais conhecimento sobre comorbidades no autismo, principalmente quando o gênero pode se apresentar com um fator importante para essas condições.
IV (Strang et al., 2023)	Meta Análise	Common Intersection of Autism and Gender Diversity in Youth: Clinical Perspectives and Practices.	Investigar os desafios enfrentados por profissionais de saúde ao diagnosticar e apoiar jovens autistas que têm identidades de gênero diversas. Isso inclui a identificação e a compreensão de como os sintomas do TEA podem se manifestar em indivíduos com diferentes identidades de gênero.	Há escassez de pesquisas clínicas que discutam sobre a população autista considerando a diversidade de gênero. Jovens autistas estão pedindo apoio com relação ao gênero, em especial para cuidados médicos.
V (Warrier et. Al., 2020)	Quantitativo	Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autism traits in transgender and gender diverse individuals.	Investigar se pessoas transsexuais ou de gênero diverso têm taxas elevadas de diagnóstico do TEA se comparado a indivíduos cisgêneros.	Estudos observaram maior diversidade de gênero em adolescentes e adultos autistas, se comparando a população geral.

VI (Sala Et. Al., 2020)	Revisão bibliográfica	As diverse as the Spectrum Itself: Trends in sexuality, gender and autism.	Atualizar descobertas relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade no autismo.	A pesquisa contínua e o desenvolvimento profissional são essenciais para garantir que todos os indivíduos no espectro autista recebam o cuidado e o suporte necessários para prosperar.
VII (McQuaid et. Al., 2022)	Quantitativo	Camouflaging in autism spectrum disorder: Examining the roles of sex gender identity, and diagnostic timing.	Como a camuflagem juntamente com a identidade de e estereótipos de gêneros podem ser fatores para o diagnóstico tardio de TEA.	Indivíduos de gênero diverso e mulheres cisgênero demonstram maior camuflagem social, principalmente se diagnosticados na vida adulta.
VIII (Brunetto e Vargas, 2023)	Levantamento bibliográfico	Meninas e mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero.	Evidenciar as diversas ausências de perspectiva feminista de gênero em relação aos aspectos, sintomas e estereótipos de autismo em meninas e mulheres.	Diante do exposto, questiona-se se a medida de menor quantidade de estudos sobre autismo envolvendo meninas e mulheres não foi produzida como uma história interessada em perpetuar o machismo.

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2024).

4. Discussões

Após análise dos estudos referidos de I à VIII, emergiu-se duas classes temáticas distintas: “Autismo e Pessoal da Saúde” e “Autismo e Diversidade de Gênero”, diante disso, decidimos dividir em categorias para melhor discuti-las. A saber, os estudos referem-se ao nível de conhecimento dos Profissionais de Saúde frente ao TEA na diversidade de gênero.

4.1 Nível de Conhecimento dos Profissionais de Saúde Frente ao TEA na Diversidade de Gênero

As pesquisas enumeradas I à IV tratam do eixo temático autismo e profissionais de saúde, com as duas primeiras realizadas no Brasil. Seus objetivos foram investigar o conhecimento dos profissionais de saúde acerca do autismo em geral, suas comorbidades mais frequentes e quais são os sintomas de manifestação na adolescência e vida adulta.

A Atenção Básica em Saúde (ABS) é mencionada por Resende et.al. no seu trabalho “Conhecimentos sobre Transtorno do Espectro Autista entre Profissionais da Atenção Básica em Saúde (2020)”. A ABS é capaz de desenvolver ações de saúde individuais, familiares e coletivas. Suas ações envolvem desde a promoção, prevenção, proteção, até o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos, os cuidados paliativos e a vigilância em saúde. Por esse motivo, a Atenção Básica fica localizada próxima da vida das pessoas, ou seja, dos locais em que trabalham, estudam e moram (Brasil, 2017).

Resende et. Al (2020) analisa conhecimento de enfermeiros e médicos da ABS sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando que médicos com menos de 5 anos de experiência profissional demonstram maior entendimento sobre o suporte necessário, comorbidades e início dos sintomas. Enfermeiros, por outro lado, obtiveram mais precisão ao identificar sintomas relacionados à socialização, especialmente com maior tempo de experiência na área. Essa relação remete ao modelo biomédico (o médico enquanto diagnóstico) e a proximidade da enfermagem com os clientes no cotidiano.

A formação acadêmica em enfermagem aborda o cuidado integral e educacional de pessoas com TEA e suas redes de apoio, como evidenciado por Feifer et al. (2020). No entanto, acadêmicos de enfermagem frequentemente expressam desconforto em lidar com autistas devido à sua limitada exposição ao tema durante a graduação, conforme discutido por Camelo et al. (2021).

As graduações da área de educação e saúde estão se debruçando mais em ensinar sobre a sintomatologia básica do autismo, embora abranjam mais o período da infância e desafios familiares/ escolares. Apesar disso, pouco se fala sobre sintomas do autismo em adolescentes e adultos (diagnósticos tardios), principalmente focando na ótica de expressões de

gênero, comorbidades e demandas desse grupo populacional (Strang, 2023; Miranda, 2023; Brunetto e Vargas, 2023)

Stang et. Al (2023) considera que os profissionais de saúde frequentemente enfrentam desafios significativos ao identificar o TEA em indivíduos que fazem parte da diversidade de gênero, e essas dificuldades surgem devido a vários fatores interligados, como estereótipos, variação na manifestação de sintomas, desafios na comunicação, acesso a diagnósticos e apoio, dentre outros. Para superar esses desafios, é crucial que os profissionais de saúde recebam educação contínua, estejam cientes das diferenças que o autismo possa manifestar em cada indivíduo, e adotem abordagens individuais e inclusas para o diagnóstico e tratamento de jovens e adultos autistas.

Os testes padronizados usados historicamente em avaliações neuropsicológicas e anamneses foram desenvolvidos predominantemente para a população masculina, refletindo uma limitação na forma como mulheres e pessoas transsexuais podem se expressar. Sendo assim, desconsidera-se suas experiências e necessidades específicas. (Brunetto e Vargas, 2023)

Micai (2021) aponta que profissionais da saúde necessitam de mais conhecimento acerca das comorbidade no espectro autista, principalmente quando o gênero é um fator determinante nas suas manifestações. Dentre as condições conjuntas ao TEA, temos muitas vezes o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ansiedade e depressão.

Os sintomas TDAH no feminino estão relacionados com o tipo desatento e isso somado com as percepções da mulher na sociedade, o que pode ocasionar diagnósticos errôneos ou tardios (Reis,2023). Na infância, a invisibilidade desse transtorno em meninas é justificada pelo estereótipo de “menina dispersa ou distraída” quando não há prejuízos significativos na escola ou em outros momentos. Por conta dos estigmas sociais, mulheres com sintomas de desatenção podem ser taxadas de desorganizadas ou preguiçosas.

4.2 Como a Diversidade de Gênero Impacta no Subdiagnóstico de pessoas com TEA

Os estudos enumerados de IV à VIII abordam a manifestação do autismo conforme a perspectiva de gênero. A diversidade de gênero é a gama de identidades que uma pessoa pode se identificar, independente daquele que lhe é atribuído ao nascer, o que pode gerar desconfortos ao sujeito (Manjra & Masic 2022).

Foi observado uma escassez de estudos com esta temática, principalmente no território nacional, como evidenciado pela fala retirada da análise do podcast “Introvertido”, protagonizado por jovens e adultos autistas diagnosticados tardiamente, realizado por Nascimento et al. (2023). Conforme os autores, “a abordagem sobre as vivências de relacionamentos afetivos e sexuais de pessoas com deficiência, ainda é vista como tabu e preconceito por inúmeras dimensões de nossa sociedade.”

É crucial considerar esses temas, pois embora o conhecimento sobre autismo entre profissionais de saúde na Atenção Básica é um campo ativo de pesquisa no Brasil, como aponta o estudo de Resende (2020), tendo em vista que ainda há desafios significativos a serem abordados, especialmente no que diz respeito ao autismo no contexto feminino e na diversidade de gênero, dado que apenas Brunetto e Vargas (2023) explanam expressões de gênero no espectro em âmbito nacional.

Para Brunetto e Vargas (2023), meninos e meninas possuem uma socialização e expectativas sociais distintas desde o período da infância. Os sintomas do TEA em sujeitos do sexo masculino são mais visíveis e associados a questões comportamentais, enquanto em meninas tendem a manifestar-se de forma mais sutis e internalizados, principalmente naquelas que necessitam de menor suporte diário, o que pode levar a diagnósticos tardios ou equivocados. Somado a isso, têm-se a falta de pesquisa relacionada a meninas autistas e a aplicação de critérios diagnósticos, que não consideram as manifestações específicas de gênero, o que contribuem para diagnósticos tardios, prejudicando o acesso a intervenções e tratamentos precoces. Tal fato, pode afetar o bem-estar psicossocial deste grupo. Ainda com base nos achados, Salla et al. (2020) e Warriier et al. (2020) destacam que os neurodivergentes possuem uma maior prevalência de não-heterossexualidade e diversidade de gênero, incluindo identidades transsexuais e não-binárias. Além disso, o risco de violência sexual para autistas também é

aumentado quando se comparado com os demais grupos populacionais (Salla et al., 2020).

Autistas, principalmente mulheres e indivíduos do grupo LGBTQI+, são conhecidos por realizar o “masking” - isto é, imitar comportamentos vistos como socialmente aceitáveis para evitar o estigma social. Autistas LGBTQI+ também apresentam alto nível de camuflagem, embora não superior ao das mulheres neurodiversas. (McQuaid et al. 2022)

A camuflagem social é mais prevalente em autistas, embora não se limite somente a ele, é uma medida compensatória, para “amenizar” características atípicas. Ela é tida como uma adaptação para a vida cotidiana, em específico para situações sociais, tal como uma atuação. Alaghband-Rad et al. (2023) expõe que ela é um fator para o diagnóstico tardio nos grupos subdiagnosticados (mulheres, LGBTI e pessoas com menor poder econômico), principalmente quando associada com a ausência de deficiência intelectual e necessidade menor de suporte diário. O masking causa aumento da ansiedade e depressão, estresse e estafa física-mental.

Segundo Salla et al. (2020), os autistas sofrem mais de disforia de gênero, principalmente quando comparado com a população neurotípica. A comunidade neurodiversa, pautada pelos achados, demanda mais estudos científicos e informações acerca dos cuidados relacionados ao gênero e disforia de gênero. Historicamente, há uma falta de pesquisa abrangendo além da infância, negligenciando a juventude, fase adulta e terceira idade. Ainda não há informações científicas ou dados estatísticos o suficiente sobre o autismo no feminino ou em outros grupos no Brasil, principalmente quando consideramos os temas dessa pesquisa que abrangem o gênero (Miranda, 2023; Brunetto & Vargas, 2023).

5. Considerações finais

Os estudos apontam uma fragilidade no que corresponde ao conhecimento de profissionais de saúde acerca do autismo, especialmente quando se considera a diversidade de gênero presente nesse grupo populacional. É notório que os trabalhadores da área de saúde desempenham um papel crucial no cuidado e na assistência a pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os profissionais de enfermagem, em especial, estão frequentemente envolvidos em várias etapas do processo de diagnóstico, tratamento e acompanhamento desses indivíduos. Suas contribuições incluem triagem inicial, avaliação, educação para as famílias, intervenções de enfermagem e apoio contínuo.

A equipe multidisciplinar, incluindo desde a enfermagem, musicoterapeutas, psicólogos e outros, devem participar de capacitações regulares para estarem preparados(as) para identificar, apoiar e assistir integralmente autistas e sua rede de apoio. A necessidade de tornar os critérios de diagnóstico mais inclusivos e menos tendenciosos é evidente, especialmente considerando os desafios como o subdiagnóstico em jovens adultos autistas, incluindo mulheres e pessoas de gênero diverso, cujo sintomas podem não se alinhar com os padrões tradicionalmente estudados na literatura. É necessário maior sensibilidade dos profissionais de saúde para identificar sintomas do autismo quando em conjunto com os fatores de raça, gênero, idade e sexualidade para realizar o cuidado e acolhimento de qualidade.

É importante reconhecer as limitações deste estudo, especialmente em relação à recuperação de artigos nas bases de dados, principalmente estudos brasileiros. A discussão ampliada sobre o TEA, considerando fatores como gênero, sexualidade e outras situações além da infância, é fundamental para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos e suas famílias. Faz-se necessário informar práticas mais inclusivas e eficazes, capazes de atender às complexas necessidades das pessoas no espectro autista em diferentes contextos que englobam desde os cuidados de saúde até a vida cotidiana.

Apesar de sua limitação, recomenda-se para trabalhos futuros o desenvolvimento de novas pesquisas, sobretudo no Brasil, que apresentem a integração do Autismo na Diversidade de Gênero para ampliar o diagnóstico dos pacientes. Recomenda-se também que as experiências na temática desenvolvidas ou em desenvolvimento, sejam divulgadas nos meios científicos, contribuindo com o compartilhar da prática clínica e consequentemente com a visibilidade dos profissionais na área

da saúde aumentando o nível de evidências de estudos posteriores.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesse neste trabalho.

Referências

- Alaghband-Rad, J., Hajikarim-Hamedani, A., & Motamed, M. (2023). Camouflage and masking behavior in adult autism. *Frontiers in psychiatry, 14*, 1108110.
- American Psychiatric Association (APA). (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). American Psychiatric Publishing.
- Agência Nacional de Vigilância Sanitária [ANVISA]. (2024). Resolução da Diretoria Colegiada RDC n° 855/2024: Cigarro Eletrônico. <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/tabaco/cigarro-eletronico>.
- Brunetto, D., & Vargas, G. (2023). Meninas e mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero. *Cadernos de Gênero e Tecnologia, 16*(47), 258-275.
- Camelo, I. M., Neves, K. R. T., Camelo, E. C., & Aragão, G. F. (2021). Percepção dos acadêmicos de Enfermagem sobre Autismo. *Enfermagem em Foco, 12*(6).
- Côrtes, M. D. S. M., & de Albuquerque, A. R. (2020). Contribuições para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista: de Kanner ao DSM-V. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 3*(7), 864-880.
- Feifer, G. P., de Souza, T. B., Mesquita, L. F., Ferreira, A. R. O., & Machado, M. F. (2020). Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. *Revista uninga, 57*(3), 60-70.
- Happé, F., & Frith, U. (2020). Annual Research Review: Looking back to look forward—changes in the concept of autism and implications for future research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 61*(3), 218-232.
- International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD). OMS. <https://www.who.int/classifications/classification-of-diseases>
- Manjra II, & Masic, U. (2022). Gender diversity and autism spectrum conditions in children and adolescents: A narrative review of the methodologies used by quantitative studies. *Journal of Clinical Psychology, 78*(4), 485-502. <https://doi.org/10.1002/jclp.23249>
- McQuaid, G. A., Lee, N. R., & Wallace, G. L. (2022). Camouflaging in autism spectrum disorder: Examining the roles of sex, gender identity, and diagnostic timing. *Autism, 26*(2), 552-559. <https://doi.org/10.1177/13623613211042131>
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto-enfermagem, 17*, 758-764.
- Micai, M., Ciaramella, A., Salvitti, T., Fulceri, F., Fatta, L. M., Poustka, L., & Schendel, D. (2021). Autistic adult health and professional perceptions of it: evidence from the ASDEU project. *Frontiers in psychiatry, 12*, 614102. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.614102>.
- Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. (2017). Portaria n° 2.436, de 21 de setembro de 2017: Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html
- Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Ciência e Tecnologia. – Brasília: Ministério da Saúde, (2018) Agenda de Prioridades de Pesquisa do Ministério da Saúde - APPMS
- Miranda, V. P. (2023). Como estereótipos de gênero afetam o subdiagnóstico de meninas e mulheres autistas.
- Murad, M. H., Asi, N., Alsawas, M., & Alahdab, F. (2016). New evidence pyramid. *BMJ Evidence-Based Medicine, 21* (4), 125–127.
- Nascimento, C. A. D., Vargas, J. R., & Bezerra, K. D. (2023). Gênero e sexualidade de jovens com tea: uma breve análise a partir do podcast introvertendo. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, 32*(72), 301-319.
- Oliveira Rezende, L., Petroucic, R. T., da Costa, R. F. A., & Monteiro, M. A. (2020). Conhecimento sobre Transtorno do Espectro Autista entre profissionais da atenção básica de saúde. *Manuscripta Médica, 3*, 31-39.
- Ortega, F. (2009). Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciência & saúde coletiva, 14*, 67-77.
- Organização Pan Americana da Saúde (OPAS). Equidade de Gênero em Saúde, Organização Pan Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/equidadegeneroemsaude#:~:text=O%20g%C3%AAnero%20se%20refere%20%C3%A0s,mudar%20ao%20longo%20do%20tempo>
- Page, M. J., Moher, D., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., & McKenzie, J. E. (2021). PRISMA 2020 explanation and elaboration: updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. *bmj, 372*.

- Pellicano, E., & Stears, M. (2011). Bridging the gap between the research and the clinical worlds: A new agenda for research on autism spectrum disorders. *Autism, 15*(3), 289-310.
- Reis, L. A. L. D. (2023). As diferenças sintomáticas entre mulheres e homens com TDAH: uma revisão bibliográfica sistemática.
- Sala, G., Pecora, L., Hooley, M., & Stokes, M. A. (2020). As diverse as the spectrum itself: Trends in sexuality, gender and autism. *Current Developmental Disorders Reports, 7*, 59-68. <https://doi.org/10.1007/s40474-020-00190-1>.
- Secretaria de Estado da Saúde. 14/04/2015. Autismo afeta cerca de 1% da população. <https://www.saude.mg.gov.br/component/gmg/story/6884-autismo-afeta-cerca-de-1-da-populacao>.
- Scheffer, M. (2018). *Autismo: História, diagnóstico e intervenção*. Editora Aleph.
- Singer, J. (1999). *Neurodiversity: The birth of an idea*.
- Swim, J. K., & Cohen, L. L. (2011). Stereotype threat and women's performance on math and science tasks: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 137*(4), 610-630.
- Strang, J. F., van der Miesen, A. I., Fischbach, A. L., Wolff, M., Harris, M. C., & Klomp, S. E. (2023). Common intersection of autism and gender diversity in youth: Clinical perspectives and practices. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics, 32*(4), 747-760. <https://doi.org/10.1016/j.chc.2023.06.001>
- Warrier, V., Greenberg, D. M., Weir, E., et al. (2020). Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender and gender-diverse individuals. *Nature Communications, 11*, 3959. <https://doi.org/10.1038/s41467-020-17794-1>.